

39º Encontro Anual da Anpocs

SPG 12 – Organizações, Estado e violência: múltiplos sentidos da ação coletiva

**Caminhos para o “livramento”: uma relação entre violência e neopentecostalismo
na Baixada Fluminense**

Vitor Sá

Mestrando em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ)

Introdução¹

Historicamente marcada por um padrão de violência orientado pela atuação de grupos de extermínio, a Baixada Fluminense, área periférica da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, passa, com base nos dados referentes ao número de homicídios, por uma escalada no número de assassinatos nos últimos cinco anos, em contraste ao ocorrido na capital. De acordo com os moradores dos treze municípios, a explicação para este cenário está nas Unidades de Polícia Pacificadora, postas em prática em algumas favelas da cidade do Rio de Janeiro desde 2008.

Se a tradicional atuação de “matadores²” já tornava a violência um elemento presente na sociabilidade da Baixada, a possível complexificação deste padrão a partir da relatada migração de traficantes das favelas cariocas pacificadas é um novo tópico merecedor de investigação. A partir de relatos colhidos com a população “baixadense”, o aumento do número de homicídios na região está inteiramente associado ao fortalecimento do tráfico de drogas e das conseqüentes disputas estabelecidas com o tradicional padrão de violência local.

Paralelamente ao fenômeno da violência, o quadro religioso da Baixada é outro aspecto social de destaque investigativo e de caráter central a esta discussão. De acordo com os dados dos dois últimos Censos Demográficos realizados no país pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), em 2000 cerca de 15,4% da população brasileira era pertencente a alguma religião de matriz evangélica; em 2010 esse percentual chega a 22,2%, com um amplo destaque às correntes pentecostais e neopentecostais (60% do total de protestantes). Fernandes (1992) destaca a “invasão” protestante na Baixada Fluminense a partir das décadas de 1980 e 1990, período em que “as igrejas evangélicas promoveram uma verdadeira incorporação religiosa na Baixada, numa escalada sem precedentes, com a construção de cinco igrejas por semana na região”.

A relação entre pobreza e religião, amplamente discutida por diversos pesquisadores, levanta a hipótese de que as congregações neopentecostais conquistam

¹ Este artigo apresenta alguns resultados obtidos a partir da pesquisa de dissertação de mestrado em sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ), financiada pelo CNPq e com previsão de defesa para fevereiro de 2016.

² A expressão, entendida aqui como uma categoria nativa, é comumente utilizada nos municípios pesquisados e, em especial, na cidade de Belford Roxo (área de interesse para a pesquisa), como um termo empregado aos tradicionais membros dos grupos de extermínio locais. É chamado de “matador” aquele que conta com um histórico de homicídios no bairro.

grande parte de seus adeptos nas classes populares em função dos atributos inerentes ao discurso da prosperidade e de um incentivo ao acúmulo de bens. Contudo, o objetivo aqui, vai um pouco além dessa relação tradicional. Tenciona-se, tanto a partir dos dados apresentados, como, principalmente, dos relatos dos moradores desta região, uma associação entre os elevados índices de homicídios, historicamente presentes na Baixada Fluminense, e o grande desenvolvimento das igrejas pentecostais e neopentecostais nos treze municípios regionalizados. Assim, a busca por um “livramento” (termo constantemente ouvido durante os cultos visitados e entrevistas promovidas), pela manutenção da vida através do reforço de um estereótipo distante do “matável”, do *Homo Sacer* nos termos de Giorgio Agambem (1995), leva, de acordo com a pesquisa aqui apresentada, a corroborar com o fortalecimento deste universo pentecostal fluminense.

Conforme destaca Leite (2003) em um quadro entendido como similar ao encontrado nas favelas cariocas, o latente cenário da violência reforça a importância da adesão religiosa como meio de se afastar do campo conflagrado da violência social, tanto pela crença no efeito transformador da palavra religiosa, capaz de converter o mais renitente dos pecadores que assim iniciaria uma nova vida distante dos “erros do passado”, quanto, e em decorrência, pelo efeito social positivo de discriminação dos adeptos das religiões evangélicas da marginalidade e do crime.

Com a intenção de compreender melhor esta relação entre neopentecostalismo e violência na Baixada Fluminense, o trabalho aqui resumidamente apresentado estruturou-se na investigação empírica desta associação. De forma mais específica, busca-se tal compreensão a partir das ações e do discurso do grupo Força Jovem Universal³ (FJU) da Igreja Universal do Reino de Deus no município de Belford Roxo⁴, visto que dentre as cidades com maiores parcelas de protestantes esta se destaca, também, pelo elevado índice de homicídios, tanto provocados pelos tradicionais grupos de extermínio, quanto pelo confronto entre traficantes baseados em facções diferentes. A escolha pela IURD

³ Organizada internamente de forma vertical, a Igreja Universal do Reino de Deus apresenta em suas unidades a participação conjunta de três grupos complementares e futuramente explicitados, a saber: o grupo de obreiros, a Força Jovem Universal e o Grupo de Evangelização.

⁴ A escolha pelo município de Belford Roxo também de se dá por razões prático-metodológicas e pessoais. A primeira pelo fato de ser professor da Rede Estadual de Educação no município, facilitando o acesso a informações e relatos caros a este trabalho. A segunda justificativa se sustenta nos 27 anos em que fui morador da cidade, acumulando de forma pessoal diversas histórias, relatos e experiências relacionadas à violência na cidade.

(Igreja Universal do Reino de Deus) se dá, destacadamente, pela presença dos vinte templos encontrados nos limites da cidade, bem como pelo discurso e pelas ações promovidas no intuito de angariar fieis que busquem a “salvação”, a “libertação” e o “livramento” ou, simplesmente, a promoção de uma rede de solidariedade em meio à “sociabilidade violenta” (Machado, 2008).

A fim de discutir essas questões, o presente artigo se divide em quatro partes: na primeira, o objetivo é recuperar brevemente o processo de ocupação da Baixada Fluminense, relacionando-o ao surgimento e à histórica atuação dos grupos de extermínio. Num segundo e num terceiro momento, a intenção se repousa em dois eventos extremos – a Chacina da Chatuba e o assassinato de um ex-aluno, conhecido como “Canjica” – representando, factualmente, o discurso dos moradores de Belford Roxo quanto à complexificação do padrão de violência no município. Por fim, expomos as impressões e experiências acumuladas nos cultos e nas reuniões do grupo FJU da unidade Santa Marta da IURD, localizada numa região cara a este artigo e central para o entendimento das ações desta instituição no que tange à temática da violência na “Cidade do Amor”⁵.

“Dos barões ao extermínio”⁶

Tradicionalmente representada como uma área de terras baixas, constantemente alagadas entre o litoral e a Serra do Mar (GEIGER e SANTOS, 1956), a Baixada Fluminense conta com uma infinidade de definições e regionalizações que dificultam a determinação de um recorte espacial mais específico. Sendo assim, utilizo aqui sua configuração considerada mais ampla, composta por treze municípios – Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica. Com uma população de aproximadamente três milhões de habitantes, a região se destaca como uma das maiores

⁵ A expressão “Cidade do Amor” foi originalmente cunhada pelo primeiro prefeito de Belford Roxo, Joca, no momento de emancipação da cidade (1990), antes pertencente à Nova Iguaçu. Joca, cujos relatos dão conta de ter sido o “maior dos matadores da região”, ao que parece, pensava em trazer para a cidade uma representação diferente daquela cunhada pela UNESCO em 1976, a qual afirmava ser “a cidade mais violenta do mundo”. Para maiores informações sobre Joca e o processo de emancipação de Belford Roxo ver Monteiro (2007).

⁶ O título “Dos barões ao extermínio” faz referência ao célebre trabalho do professor doutor José Cláudio de Souza Alves (2003), produzido a partir da sua tese de doutorado.

áreas urbanas do país, compondo juntamente com a capital e os municípios do Leste Metropolitano (Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, Tanguá e Maricá) a Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.

O considerável número de habitantes é acompanhado pela histórica segregação sofrida por esta periferia urbana. Desde sua ocupação a partir do ciclo da cana-de-açúcar no século XVII, passando pelos posteriores momentos de extração do ouro em Minas Gerais e do plantio do café no Vale do Paraíba, a Baixada Fluminense foi costumeiramente enxergada como um local de passagem, uma verdadeira *hinterland*, palco de afirmações e discursos preconceituosos e de uma atuação estatal marcada pela negligência ou, na maior parte dos casos, pela ação intencionalmente motivada.

O início do ciclo do café no Vale do Paraíba, após um pequeno período de plantio na Baixada, ratificará ainda mais a função de entreposto da região. Com o aumento da produção de café e o seu escoamento através do Porto do Rio de Janeiro, os velhos caminhos percorridos através dos rios que cortam a região e abertos durante o ciclo do ouro ganham nova importância. Assim, sem uma agricultura forte após a derrocada da cana-de-açúcar, restou à Baixada Fluminense o papel de intermediação entre as áreas produtoras e o Porto.

As limitações do transporte fluvial não demoram a aparecer no período cafeeiro. O aumento da produção de café leva o escoamento através dos rios a um intenso esgotamento e lentidão. Era necessário, então, buscar uma alternativa que viabilizasse o fluxo dessa mercadoria entre o Vale do Paraíba e a cidade do Rio de Janeiro. Essa solução seria o trem.

Desta forma, ocorre a partir da segunda metade do século XIX a construção de uma malha ferroviária centralizada na cidade do Rio de Janeiro, a se destacar a EFCB (Estrada de Ferro Central do Brasil) em 1858 e da EF Leopoldina em 1886. Tal malha provocou um surto populacional na Baixada Fluminense, sobretudo no entorno das estações, onde uma pequena gama de serviços era oferecida.

Contudo, a decadência vivenciada pelo café na Região do Vale do Paraíba, bem como as constantes epidemias que assolavam a Baixada Fluminense fazem esse crescimento ser freado ao final do século XIX. Fato totalmente oposto ocorre na capital, cujo incipiente processo de industrialização, atrelado ao papel logístico adotado com a grande participação do Porto levam a um intenso incremento demográfico na cidade do Rio de Janeiro e, posteriormente, a uma expansão física, causando uma série de

problemas estruturais e socioeconômicos que se intensificam com a Reforma Pereira Passos no início do século seguinte, como afirma Maurício de Abreu:

“A importância cada vez maior da cidade no contexto internacional não condizia com a existência de uma área central ainda com características coloniais, com ruas estreitas e sombrias, e onde se misturavam as sedes dos poderes políticos e econômicos com carroças, animais e cortiços” (Abreu, 1987, p.60).

Além de uma alteração do perfil social da cidade, Passos também buscava uma definição da sua vocação econômica, substituindo atividades industriais, onde a presença do operário se fazia necessária, para uma cidade de serviços e negócios. A transferência das indústrias pesadas e intermediárias para os subúrbios, agora dotados de uma malha ferroviária, dá ainda mais força ao movimento de ocupação na Baixada Fluminense, onde a concentração populacional se manifestava ao redor das estações de trem da EFCB, sobretudo. A esse respeito, Simões afirma:

“A solução será a expansão em direção aos subúrbios servidos através do loteamento popular e da autoconstrução, que serão os três elementos fundamentais do processo de expansão urbana e formação da aglomeração metropolitana que se consolidará ao longo do século XX. A Baixada Fluminense, que até então era uma grande área insalubre e vazia com pequenos núcleos urbanos em torno das estações ferroviárias será, paulatinamente, integrada a essa lógica de ocupação urbana”. (Simões, 2007, p. 95).

Assim, o início do século passado foi marcado por intensas modificações na estrutura urbana, tanto na cidade do Rio de Janeiro através da Reforma Pereira Passos, quanto nas periferias urbanas e rurais, sendo esta última representada, principalmente, pelas consequências observadas na Baixada Fluminense, cuja urbanização – desordenada em grande parte – surge como uma resposta às políticas implementadas na então capital da república.

Já na metade do século XX, outro aspecto demográfico surge para reconfigurar a “Terra Alagada”. Trata-se da chegada em massa de migrantes de várias regiões do país, sobretudo do Nordeste, ávidos pela oportunidade de conquistarem o seu “pedaço de terra” nas proximidades da então capital federal. Barreto (2006) destaca que durante as décadas de 1950 e 1960 a Baixada Fluminense passou pelo seu período de maior crescimento populacional (100% somente na década de 1950), superando o restante do estado.

Se o período citado anteriormente caracterizou a Baixada como um *el dourado* do expansionismo urbano irregular, o período posterior contou com um distinto elemento associativo e central a este trabalho: a violência. A emergência de grupos de extermínio, somadas às altas taxas de homicídios e às imagens de um espaço marcado pela pobreza fadaram a Baixada a um estigma altamente depreciativo, intensificando, assim, as já abissais fronteiras simbólicas constituídas entre esta periferia e sua capital. Enne (2004), ao analisar a atuação da imprensa entre as décadas de 1950 e 2000, destaca o auge da representação da violência na Baixada durante a década de 1980, passando a imagens mais positivas nos anos 1990 e 2000, relacionadas ao desenvolvimento econômico da região e a consequente promoção de um mercado consumidor.

A primeira referência à Baixada nos jornais cariocas já denota o estereótipo descrito. Passando por uma grave crise de abastecimento de alimentos, motivada, por sua vez, pelo monopólio e pela estocagem com fins especulativos desses mantimentos por comerciantes locais, somada às dificuldades e ao abandono da região pelo poder público, ocorre no dia 5 de julho de 1962 uma grande revolta popular conhecida como “o grande saque”. Na manhã dessa quinta-feira, marcada também por uma greve geral de trabalhadores no país, cerca de dois mil estabelecimentos na Baixada foram saqueados. Concentrado entre os municípios de Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti e Belford Roxo, “o grande saque” teve o saldo oficial de 47 mortos, 700 feridos e aproximadamente um bilhão de cruzeiros de prejuízos aos comerciantes (Torres e Menezes, 1987):

“Ao longo das três décadas que vão de 1930 até o golpe militar de 1964, a Baixada Fluminense transformou-se na grande periferia urbana reincorporada pela cidade do Rio de Janeiro. A explosão populacional, a febre loteadora, os conflitos por terras, o fluxo pendular dos trabalhadores em relação à cidade carioca, o crescimento do comércio e da indústria, o desmembramento e a formação de novos municípios, os movimentos de resistência dos camponeses frente aos despejos, a reconfiguração do campo político local e a explosão da revolta popular, são características dessa nova realidade que emergia. É nesse período, também, que a violência ganhará dimensões peculiares. Se por um lado ela se caracterizava como instrumento dos setores dominantes na obtenção de terras e poder, (...) por outro lado ela será posta em prática pelos setores populares a fim de superarem seus problemas. Tanto no caso das ocupações de terras por setores organizados do movimento camponês, como na fúria depredadora do saque, o que se viu foi o emprego da violência enquanto estratégia coletiva. Uma violência que deixava de ser apenas um ato individual na resolução de conflitos interpessoais e assumia dimensões bem mais amplas. Não era somente uma violência fruto do desajuste provocado pela rápida transformação urbana, nem uma mera revolta alucinada. O que ficava evidente era o seu caráter político”. (Alves 1998, pp. 98 e 99).

Eventos como “o grande saque” ou os linchamentos em praça pública, comuns durante as décadas de 1960 e 1970, serviram para reforçar o discurso de criminalização da pobreza que já recaía sobre os moradores da Baixada. O “monopólio da força física” ali não era do Estado, mas de líderes ou grupos de “matadores” que, embasados por um discurso moral, agiam em substituição aos agentes oficiais. O caso, talvez, mais representativo foi o do político caxiense Tenório Cavalcanti. Seu codinome de “*o homem da capa preta*”, bem como sua metralhadora apelidada carinhosamente de “*Lurdinha*”, o conferiram mais de duas décadas na vida política da região, marcada por escândalos, processos criminais que nunca foram à frente e declarações polêmicas, como a destacada por Beloch (1986):

“Eu, quando dou um tiro na barriga ou perna de alguém, é porque ele tá maconhado e é uma cobra venenosa que eu não posso deixar solta na rua (...) Os covardes é que se omitem e deixam o cachorro louco e a cobra venenosa agredir o indefeso. Tem que matar o agressor injusto, que é injusto não só contra você, mas contra toda coletividade”. (citado em Beloch, 1986).

A violência na Baixada Fluminense toma dimensões ainda maiores durante a ditadura militar (1964 – 1985). A formação do “Esquadrão da Morte”, grupo de extermínio constituído por policiais, bombeiros e militares em geral, cujo apoio velado da ditadura permitia a impunidade nos casos de execução daqueles que estavam “perturbando a ordem”, faz com que o número de homicídios quadruple no município de Nova Iguaçu, com amplo destaque para o distrito de Belford Roxo, responsável por cerca de 35% dos casos registrados na sede municipal (Alves, 1998). É nesse contexto que a UNESCO vai considerar o então distrito como o lugar mais violento do mundo em 1976.

A atuação de grupos de extermínio ou, simplesmente, dos “matadores”, como a população costuma chama-los, faz parte do processo de construção social de praticamente toda a Baixada Fluminense. O processo de ocupação narrado aqui e indiscutivelmente marcado pela ausência de planejamento e pela ação ineficiente ou inexistente do Estado deu espaço para este tipo de “segurança comunitária” se desenvolver; ao passo que ser um “matador” ou até mesmo um amigo de um lhe confere uma posição social de destaque entre a população local. A aniquilação física aqui não é monopólio do Estado, mas uma concessão do mesmo a tais “agentes comunitários de segurança”, vistos como vitais na marcante autorresolução de problemas da região.

O suposto carisma também se converteu (e ainda se converte) em dividendos políticos aos líderes dos grupos citados. O exemplo histórico de Tenório Cavalcanti é ampliado na década de 1990 em toda a região. As eleições ao cargo de prefeito de Joca em Belford Roxo e de Zito em Duque de Caxias ratificam a teoria citada. Acusados de uma série de homicídios, roubos, ameaças de mortes a opositores e desafetos, os dois políticos são exemplificações de um quadro ainda presente na Baixada Fluminense. A impunidade é uma das marcas principais deste padrão de violência, não somente aos que ocupam cargos políticos, como o caso dos ex-prefeitos citados, mas a maior parte dos envolvidos em crimes de execução na região.

É a partir desta tradicional certeza de impunidade e sensação de onipotência que chegamos à “Chacina da Baixada”, a maior já registrada no país. Insatisfeitos com mudanças e investigações realizadas em alguns batalhões da região, principalmente no 15º BPM de Duque de Caxias, um grupo de policiais cometeu no dia 31 de março de 2005 o assassinato de 29 pessoas entre os municípios de Nova Iguaçu e Queimados. A insatisfação dos policiais com a linha-dura imposta no batalhão citado, onde o comandante era o coronel Paulo César Lopes, teria sido o estopim para a explosão de violência. Antes da barbárie, ele havia afastado 60 policiais militares, presos durante a operação “Navalha na Carne”⁷.

“A UPP vista do lado de cá”⁸: relatos de uma violência complexificada

Instaladas sem uma clara definição a partir do ano de 2008, as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), programa de policiamento de proximidade desenvolvido e assim caracterizado pela Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro, conta, de acordo com dados publicados no site do programa, com aproximadamente dez mil policiais em seus efetivos, divididos em 38 unidades – 37 delas na capital e uma na

⁷ Conforme destaca Alves (2005), a comprovação dessa versão expõe a continuidade de uma prática comum ao longo da história dos grupos de extermínio na Baixada. A cada movimento de controle e limite para a operação desses grupos, reações como o aumento do número de vítimas sempre foram identificadas, gerando, como uma consequência, uma acomodação das políticas de segurança e investigação. Coincidentemente ou não, a execução dos 29 inocentes ocorreu na noite do dia 31 de março de 2005, exatamente 45 anos após o golpe que deu origem à ditadura militar e a subsequente consolidação dos grupos de matadores na região.

⁸ O título “A UPP vista do lado de cá” é uma referência ao documentário “Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá (2006)”, do cineasta Silvio Tendler. O trabalho tem por objetivo discutir os problemas da globalização sob a perspectiva das periferias, seja do mundo subdesenvolvido, seja comunidades carentes.

Baixada Fluminense, instalada recentemente na Favela da Mangueirinha, em Duque de Caxias.

Por si só, a desproporcionalidade nos números já denotaria a fraca atuação estatal no campo da segurança pública na Baixada Fluminense, conforme relatou de maneira objetiva o tópico anterior. Levando em conta os dados referentes ao número de homicídios divulgados pelo Instituto de Segurança Pública (ISP), em 2014 a Baixada Fluminense registrou 1968 casos, contra 1237 na cidade do Rio de Janeiro. Em outros termos, mesmo apresentando a metade da população da capital, a Baixada registra cerca de 60% a mais de homicídios dolosos.

Tal cenário soma-se tanto ao relato dos moradores da cidade de Belford Roxo, quanto a outro evento extremo de violência registrado na Baixada, porém sob a lógica de outro *modus operandi*. A “Chacina da Chatuba”, como ficou conhecida, é aqui entendida como um elemento central de análise, visto que sua motivação e suposta realização diferem completamente da execução em massa ocorrida sete anos antes, representando, assim, mais um capítulo da violência nesta periferia urbana.

No dia 8 de setembro de 2012, seis jovens do bairro Cabral, localizado na cidade de Nilópolis, teriam saído de casa em direção a um festival de pipas que ocorria na vizinha Mesquita. Após o evento, o grupo decidiu tomar banho numa cachoeira, localizada no Parque de Gericinó - área militar controlada pelo exército e localizada entre os dois municípios. De acordo com o inquérito, o possível toque do celular de um dos rapazes é a explicação dos assassinatos. Uma funk que fazia menção a uma facção diferente da encontrada na Chatuba teria levado traficantes locais, escondidos próximos à cachoeira, a confundirem os menores com possíveis invasores, provocando, assim, a execução dos rapazes numa região conhecida como “Bicão”.

Os corpos, nus e enrolados em lençóis, de Cristhian Vieira, Glauber Siqueira, Victor Hugo Costa, Douglas Ribeiro, Josias Serles e Patrick Machado, todos com idade entre 16 e 19 anos, foram encontrados dois dias depois do desaparecimento, às margens da Rodovia Presidente Dutra, num canteiro de obras no trecho de Mesquita. Além dos seis citados, o pastor Alexandre Lima, 37 anos, e o cadete da Polícia Militar Jorge Augusto de Souza Alves Junior, de 34 anos, também foram encontrados mortos nos arredores da favela. Suas mortes foram identificadas como possíveis “queimas de arquivo”, entendidas como testemunhas da execução dos jovens pelo grupo de traficantes.

Na mesma semana, cerca de 150 policiais ocuparam a favela. Blindados do corpo dos Fuzileiros Navais foram encaminhados para a localidade com cobertura em tempo real enquanto cruzavam a Avenida Brasil. Apesar da negativa quanto à migração citada anteriormente, Miagusko (2013) destaca a fala do então governador Sérgio Cabral e do próprio Beltrame no contexto da reação do Estado ao ocorrido:

“O governador Sérgio Cabral declarou que a fuga de ‘marginais das comunidades pacificadas’ no Rio de Janeiro que migravam e buscavam manter a estrutura de poder garantida pelo território podia ser interpretada como possível causa da ‘chacina’: ‘eles conseguem escapar, se reorganizar e tentam manter a estrutura do poder paralelo. Isso tem sido bem claro para a gente. A gente não tem ilusão’. O secretário de segurança pública José Mariano Beltrame apontou a ausência do Estado naquela comunidade em função do domínio territorial por parte dos criminosos como causa principal da chacina. No entanto, Beltrame negou a tese da migração de criminosos das favelas com UPP para outras regiões: ‘a migração acontece no sentido das lideranças do tráfico. Não há migração em massa’. O delegado responsável pelo caso, Júlio da Silva Filho, também ressaltou a ousadia dos criminosos: ‘os traficantes se julgavam e se intitulavam donos e senhores daquele território. E os jovens teriam invadido aquele local’.” (Miagusko, 2013, p.5).

O discurso, ora de negação ora de afirmação, por parte dos agentes oficiais do Estado contraria a impressão amplamente encontrada na Baixada Fluminense quanto à teoria migratória das atividades relacionadas ao tráfico. Parece um consenso entre os quase 3,5 milhões de habitantes que aquele território, antes hegemonicamente controlado por grupos de extermínio, hoje se encontra em meio a uma disputa entre o antigo e o novo padrão de violência local. “Bailes de favela” que ocorrem nas ruas e limitam a circulação de moradores, bloqueio de entradas de alguns bairros e constantes tiroteios entre traficantes e policiais ou até mesmo entre facções diferentes são frequentemente citados em conversas sobre segurança e violência.

O carisma apresentado por alguns líderes de grupos de extermínio e aparentemente rotinizados, utilizando aqui a expressão de Max Weber (1967) ao tratar da dominação carismática, retorna em alguns discursos. O fortalecimento do tráfico em algumas regiões ou até mesmo o surgimento da atividade em locais antes considerados “tranquilos”, faz parte dos moradores exaltarem a atuação dos tradicionais “matadores”, claramente menos numerosos e mais cautelosos em suas atuações, como podemos notar neste trecho de entrevista cedida por uma moradora de Belford Roxo:

“Este lugar está nojento. Desde que trouxeram esses traficantes pra cá a gente não sabe mais com quem está lidando. São pessoas novas, mal-encaradas e que passam a todo tempo para nos colocar medo. Ainda bem que já comprei meu terreninho lá em Saquarema. Assim que puder vou para lá, mas espero que antes os homem (sic) cuide disso. A gente sabe que vagabundo aqui não se cria, nunca se criou, porque agora vai ser diferente?” (I.D.A, entrevista concedida em 22/04/2015).

O discurso representado acima nos remete à ideia não de uma alteração sumária do padrão de violência na Baixada, mas de uma complexificação das relações de força ali verificadas com o então fortalecimento do tráfico de drogas. É importante destacar que venda e consumo de drogas sempre existiu na Baixada Fluminense, ao contrário do que muitos moradores afirmam. Contudo, o que se percebe, sobretudo através dos relatos e das observações de campo, é um fortalecimento da estrutura comercial do tráfico na região, alterando as relações de força encontradas historicamente ali, conforme veremos na descrição seguinte.

O caso “Canjica”

Parecia uma manhã de segunda-feira normal quando cheguei ao CIEP, mas já na minha primeira turma do dia pude perceber que algo diferente acontecera ali. Os alunos, sempre divididos entre a tradicional preguiça do primeiro dia letivo da semana e a animação para contar as novidades do final de semana, desta vez pareciam carregar mais do que a indisposição matinal.

Após fazer a chamada e iniciar as atividades previstas para aquele dia, aproximei-me de Paulo para saber o que estava acontecendo. Paulo está no seu terceiro ano como aluno da segunda série do ensino médio e é visto por muitos professores como um aluno problemático e que deveria ser expulso da escola. Em 2013, quando cursava pela primeira vez o ano de escolaridade citado, acabou preso por assalto à mão armada em Nova Iguaçu. Filho e irmão de policiais, ficou cerca de um mês em Bangu II, mas como era réu primário, logo foi solto após o pagamento da fiança.

Apesar da indisposição do corpo docente com o rapaz, sempre procurei ter uma relação de proximidade e aconselhamento com ele, o que me fez ter sua confiança para revelar o que estava por abalar a turma por um todo. Com a voz embargada e os olhos começando a lacrimejar, Paulo me chamou para a porta da sala, já recolhendo seu

material, numa alusão de que não continuaria na aula. Percebendo a gravidade do que tinha ocorrido, levei-o à sala ao lado, vazia pela falta de algum professor naquele horário, e conversamos, após os quase cinco minutos de choro do aluno.

A narrativa do assustado rapaz se inicia na noite de sábado (30/06/2015), dia de baile na agora temida Favela da Caixa D'água⁹, uma região conhecida pela anterior atuação de um dos mais fortes grupos de extermínio do município de Belford Roxo, reduto do ex-vereador e empresário Marcão Kiko e há cerca de três anos dominada pelo tráfico. Após o fim do seu mandato em 2012 e da relatada chegada de novos traficantes na região, Marcão e seus companheiros de atuação deixaram o bairro, hoje definido como “Complexo da Caixa D'água” pelos próprios moradores.

Ao chegar ao “Escadão”, local onde ocorre o baile aos sábados, Paulo diz que se surpreendeu quando viu a moto de “Canjica” ali parada. É nesse momento que descubro a razão para a comoção dos alunos, não só na sala em que estava naqueles primeiros tempos, mas em toda a escola. “Canjica”, como era chamado em referência aos dentes brancos e pequenos, era, na verdade, um ex-aluno meu e da escola. Seu carisma e simpatia contagiavam a maior parte dos alunos, tanto das turmas em que estivera estudando, quanto das demais. Sua passagem pela escola já tinha se encerrado, com a conclusão do ensino médio em 2013, mas sua rede de amizade ainda se mantinha forte, a ponto de sua morte causar tamanha comoção.

De acordo com Paulo, ao chegar ao baile um traficante conhecido o abordou e disse que seu amigo estava sendo “julgado” no alto do morro. Sem saber se perguntava o que tinha acontecido ou se corria para tentar salvá-lo, Paulo decide tentar a segunda opção, numa reação de desespero e medo. Nesse momento, segundo ele, o mesmo traficante o orienta a não subir, pois “quem fecha com errado, errado também está”. Após essa fala, o filho de policial entende o recado e, conforme me relatou, procurou outro amigo “envolvido” para tentar argumentar em favor de “Canjica”. Ao encontra-lo, descobre que já não era possível fazer mais nada e que seu “irmão” já se encontrava num estado crítico numa das entradas principais da favela.

Impedido de sair da frente dos olhos do grupo de traficantes, Paulo conta que só pôde deixar o local ao final do baile e que nesse momento já imaginava que o amigo se

⁹ A Favela da Caixa D'água está localizada entre os bairros Santa Marta e Vila Pauline, há cerca de cinco quilômetros do CIEP 316 General Ladário Pereira Telles, do 39º BPM de Belford Roxo, do Ministério Público e do Fórum da cidade.

encontrava sem vida. Para sua surpresa, ao sair da favela à procura, encontra um grupo de fieis da Igreja Universal do Reino de Deus (unidade Santa Marta) concentrados na porta da Escola Municipal Júlio César de Andrade (escola em que lecionei por um ano enquanto fui professor da Prefeitura Municipal de Belford Roxo e que carrega o nome do irmão assassinado do ex-vereador Marcão Kiko). Ao se aproximar da pequena multidão, Paulo logo se depara com o corpo de “Canjica”, visivelmente espancado, porém ainda apresentando sinais vitais. Os membros da igreja o disseram que estavam retornando da vigília de sábado e que viram o momento em que três jovens deixaram o rapaz desacordado na lixeira localizada na entrada da escola.

Revoltado e voltando a chorar, Paulo diz que o amigo estava muito ferido e que mesmo com o atendimento prestado pelo SAMU, “Canjica” veio a falecer na tarde daquele domingo, dia 31 de junho. Segundo ele, seu amigo morreu por conta de um possível “envolvimento” com um jovem e já conhecido “matador” do bairro onde morava. Questionado sobre o que estaria fazendo ali no baile, “Canjica” não conseguiu convencer os traficantes de sua não-aproximação com o suposto membro do grupo de extermínio. Torturado e espancado, o rapaz não resistiu aos ferimentos provocados pelos paus e pedaços de madeira utilizados em sua sentença.

A morte de “Canjica” poderia ser mais uma nas quase duas mil registradas anualmente na Baixada Fluminense se não fosse por uma razão especial: ela representa não só uma transição, mas uma complexificação do padrão de violência na região periférica fluminense. Não se trata mais do medo e da coação dos membros dos grupos de extermínio, tampouco das determinações e limitações impostas por traficantes, mas de uma delicada sociabilidade marcada por disputas territoriais, econômicas e, porque não, morais. A disputa entre esses dois personagens da violência urbana da Baixada torna ainda mais complexa a definição de uma “identidade para o extermínio” ou para a “salvação”, como destaca Michel Misse:

“Na perspectiva da sujeição criminal, há um agravamento progressivo do processo de subjetivação, que vem a construir, em cada época da cidade, um tipo social de sujeito criminal: já foi o malandro por oposição ao trabalhador (até os anos 50), foi marginal por oposição ao malandro (a partir dos anos 60), é agora vagabundo – numa fusão do malandro com o marginal. Em cada passo, a incorporação de uma representação de mais violência.” (Misse, 2000, p. 53).

A observação de Misse, apesar de ter sido cunhada sob outra realidade socioespacial, representa parcialmente o caso ocorrido com o jovem “Canjica” e com as

demais vítimas desse complexo mosaico de interpretações e leituras. A representação do “matável”, do *Homo Sacer* nos termos de Giorgio Agambem (1995), tornou-se fluida e imprecisa a partir das já verificadas entrada e/ou fortalecimento de atividades narcotraficantes na Baixada em decorrência do projeto de pacificação em algumas favelas cariocas, conforme afirmam os moradores. Flutuar entre essas duas identidades para o extermínio requer uma habilidade pessoal nem sempre encontrada e que quando ausente mostra-se letal, como no caso do querido “Canjica”.

“Força Jovem Universal eu sou, aqui você tem valor”¹⁰

Chego à casa dos avós de Marcos já no início da noite daquela sexta-feira. Inicialmente, havíamos marcado no bar de seu avô, mas ao chegar ao local, Marcos, que me esperava na porta, logo me convida para entrar num portão lateral que dá acesso a um outro comércio, uma pequena loja de materiais de construção que o rapaz “toca” juntamente com sua mãe.

Marcos também foi meu aluno no CIEP 316 General Ladário Pereira Telles, tendo concluído o ensino médio em 2014. Nos dois anos em que dei aula para sua turma, por uma questão metodológica e afetiva, procurei manter uma relação de grande proximidade com ele e com seus colegas, fato que me levou a ter conhecimento de diversos problemas e dificuldades referentes à violência em suas vidas, assim como das estratégias e redes de sociabilidades que os mesmos desenvolvem. Assim, curioso quanto a essas relações, em sua maioria organizadas em torno de projetos desenvolvidos por igrejas pentecostais e neopentecostais no município, orientei minha pesquisa em direção ao FJU, em concordância com Galdeano (2013), quando afirma “que há uma diversidade de instituições e pessoas que se dedicam a diferentes modalidades de ação em um mesmo

¹⁰ O título desta quarta e última parte do trabalho é um trecho da música “Vou te Contar o meu Segredo”, do cantor Dayvid Windson. O “louvor” é citado pelos jovens como o “hino da FJU” e sua curta letra diz: “Vou te contar o meu segredo / Que me fez tornar um ser feliz. / Me fez acreditar que posso realizar / Tudo o que eu sempre quis. / Estava perdido, iludido, / Desacreditado até de mim. / Até que enfim eu encontrei um paraíso / Que me fez assim. / Fui convidado para uma tal de força jovem / Pra me fazer bem / E me mostraram que enfim / Eu poderia me tornar alguém. / Força Jovem Universal eu sou. / E aqui você tem valor. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/marcelo/vou-te-contar-um-segredo.html>.

território, cujas redes, trajetórias pessoais e institucionais, formas de agenciamento, gramáticas e engajamentos precisam ser compreendidas”.

Entrando no apertado espaço, nos sentamos atrás do balcão da loja já fechada e ali exponho mais uma vez a ideia da pesquisa, bem como o funcionamento de um curso de mestrado e o que é, de fato, uma dissertação. O menino, ainda sem entender muito bem o porquê do meu interesse no grupo, aceita prontamente participar da pesquisa e se mostra curioso pelo mundo acadêmico, mesmo me informando que no momento não pensa em prestar vestibular, mas em crescer com o pequeno comércio.

Procuro saber como se organiza e funciona a Força Jovem Universal (FJU), assim como a própria IURD por um membro do município e participante do grupo em questão. Marcos me explica rapidamente a estrutura da Igreja Universal, como se fosse um organograma de uma empresa com diversas filiais¹¹. Passando à estrutura da filial de Santa Marta, o jovem me fornece uma nova organização, baseada, também, num esquema piramidal, onde o topo é ocupado pelo pastor da unidade, seguido pelo grupo de obreiros¹² e, num terceiro plano o Grupo de Evangelização¹³ e o objeto central deste estudo enquanto ação coletiva, a Força Jovem Universal, ao qual Marcos pertence.

Passando à estruturação da FJU de forma mais específica, Marcos me revela que há um gestor geral, o Bispo Marcelo Brainer, que coordena todos os grupos no país inteiro e que semanalmente faz reuniões com os líderes dos grupos locais através de videoconferência. Nessas reuniões, cuja frequência é semanal, são definidas as mensagens e temas a serem debatidos nos grupos locais nas reuniões. No caso do FJU da IURD Santa Marta, os encontros ocorrem aos domingos, geralmente às 16 horas, antes do culto da noite¹⁴.

¹¹ De acordo com Marcus, a estrutura organizacional dos templos da Igreja Universal do Reino de Deus se dá da seguinte maneira: no topo se encontra a Catedral de Del Castilho (sede mundial da IURD), em segundo plano vêm as filiais centrais (no caso do templo de Santa Marta, a central se localiza no município de Duque de Caxias), seguidas filiais regionais e, por fim, os templos menores, como a filial de Santa Marta em que o rapaz participa.

¹² Os obreiros são membros auxiliares do pastor e selecionados a partir de um processo de avaliação desenvolvido pela administração central da IURD. Suas funções são diversas e assalariadas, mas se concentram, principalmente, no auxílio aos fiéis durante os cultos, sobretudo durante os rituais de exorcismo e da organização das atividades como oficinas, projetos e ações externas à igreja.

¹³ Cabe ao Grupo de Evangelização a organização de ações externas voltadas à conversão e à evangelização de um modo geral. Sua principal estratégia é “levar a palavra” pelas ruas, distribuindo panfletos em curtas caminhadas pelos bairros próximos aos templos.

¹⁴ Aos domingos, a IURD realiza em cada templo quatro celebrações: a primeira às 07:00, a segunda às 09:30, a terceira às 16:00 e a quarta e última, às 18:30. Sendo o primeiro e o último considerados os mais importantes e celebrados pelo pastor local.

Localmente, a FJU também segue a tradição verticalizada proposta pela IURD. Nela, de acordo com as informações passadas por Marcos, encontramos um líder geral, responsável pelas ações do grupo dentro da igreja e por mobilizar entre eles as orientações e projetos definidos pelo Bispo. Subordinados a ele, encontramos os três subgrupos em que a FJU se divide: o Grupo de Esportes, responsável pelas atividades esportivas e pela formação de equipes para disputar os campeonatos existentes entre as filiais de uma mesma regional; o Grupo da Cultura, ao qual Marcos faz parte e que se encarrega de organizar os eventos realizados no grupo e na própria igreja, como gincanas, festas e encontros; e o Grupo de Mídia, encarregado, por sua vez, de produzir e divulgar as informações da igreja e dos eventos realizados pelos outros dois grupos nas redes sociais.

Impressionado com tamanha racionalidade e organização interna, me despeço de Marcos, marcando um novo encontro para o próximo domingo, no primeiro culto do dia, considerado o principal em todos os templos da IURD¹⁵. No dia marcado, chego pela primeira vez à IURD Santa Marta e tenho, involuntariamente, o primeiro contato com o grupo FJU. Logo ao chegar à igreja, fui prontamente recebido pelo obreiro Juan, que me auxiliou a encontrar um lugar no culto, já com as cerca de 400 cadeiras ocupadas. Durante a cerimônia matinal, o pastor geriu o encontro da maneira tradicional “iurdinana”, como os fies costumam falar. Dotado de uma considerável capacidade oratória, discursou a maior parte do tempo sobre a importância do dízimo e como essa “contribuição” pode ser importante na vida do “irmão”.

Ainda sobre a fala do líder religioso, destacamos aqui como de importância à pesquisa a corrente escolhida para a semana, definida pelo pastor como “Corrente da Distinção”. Também voltada para a lógica da “contribuição”, esta corrente se diferencia pelo viés salvacionista em seu discurso. A distinção sugerida refere-se, em outras palavras, ao “livramento” de alguns problemas, dentre eles e em especial, a violência

¹⁵ Com um discurso nada erudito e estratégias proselitistas baseadas na esperança e possibilidade de conversão do pecador, os templos da IURD se encontram abertos sete dias por semana e cerca de quinze horas por dia. Organizada como uma empresa, cada dia é destinado a um tipo de oração que, por sua vez, está orientada a algum fim: segundas são os dias da prosperidade; terças e quintas são voltados à família; quarta é dia buscar a salvação através do evangelho; às sextas ocorrem os cultos de libertação, racionalmente agendados para o mesmo dia em que ocorrem a maior parte dos rituais da umbanda e do candomblé; aos sábados ocorrem os encontros de casais e as orações destinadas aos relacionamentos; por fim, aos domingos ocorrem os cultos principais, onde se realizam as correntes de oração e a maior parte das atividades da igreja.

urbana. Desta forma, com base na metáfora das pragas do Egito¹⁶, a “distinção” citada seria a graça alcançada a partir de tal contribuição, livrando a família do fiel de toda e qualquer “praga” e, em especial, protegendo seus entes, sobretudo seu primogênito, em alusão a última das dez pragas do Egito. Segundo o pastor, aquela seria a principal ferramenta de salvação da família naquele espaço marcado pela violência cotidiana. Da mesma forma que Moisés ordenou marcar com sangue a casa dos judeus para que não perdessem seus filhos mais velhos na noite da última praga, aquela corrente teria o mesmo efeito de “distinção”, livrando os filhos dos participantes na corrente do “mal que cerca aquela comunidade todas as noites”. Um envelope especial fora dado aos interessados em participar da corrente, a ser entregue devidamente preenchido no próximo domingo.

A partir deste primeiro relato é possível identificar diversos elementos distintivos da Igreja Universal do Reino de Deus. Contudo, é a conduta racional com relação a fins que nos interessa de forma central. O discurso do pastor é melhor compreendido a partir do trecho de Mariano, citado abaixo:

“Não constitui exagero afirmar que a Universal estabeleceu deliberadamente, com pleno conhecimento de causa, um sistema de magia organizado, por sinal, bem elaborado. Mais e melhor que qualquer igreja pentecostal, ela institucionalizou denominacionalmente práticas e crenças mágico-religiosas de inspiração cristã. Isso não deriva automaticamente de sua posição como intermediária do poder divino, até porque todas igrejas e religiões, em maior ou menor grau, postulam tal prerrogativa. Decorre, acima de tudo, do fato de ela se propor, na qualidade de mediadora dos poderes divinos, a resolver todos os problemas terrenos dos fiéis. É justamente para atender eficientemente a tais interesses e necessidades da clientela, naturalmente pobre e pródiga em demandar soluções mágicas, que ela organiza e racionaliza sua oferta de serviços religiosos.” (Mariano 2014, pp. 57 e 58).

A noção de uma “cura espiritual”, bem como o já conhecido discurso fortemente galgado pela teologia da prosperidade (não trabalhado aqui por fugir da associação buscada) são exemplos de características articuladas ao elemento central da filosofia da IURD: a guerra contra o diabo. Problemas financeiros, doenças, vícios, dificuldades amorosas, desemprego, problemas com drogas ou criminalidade: seja qual for a questão, de acordo com a leitura proposta pela Igreja Universal do Reino de Deus, tudo que afeta

¹⁶ Narradas no primeiro livro da bíblia (Êxodo), as dez pragas do Egito são entendidas pelos cristãos como castigos enviados pelo Deus de Israel ao Egito, na intenção de convencer o Faraó Ramsés a libertar os judeus da escravidão. Os dez castigos, listados por ordem de acontecimento segundo a bíblia, são: o tingimento das águas do Rio Nilo de sangue; rãs; piolhos; moscas; morte de animais; pústulas; granizo; gafanhotos; escuridão por três dias; morte dos primogênitos.

negativamente a vida na Terra vem da interferência do diabo e de seus demônios, identificados através das entidades das religiões de origem africana.

Trata-se, na verdade, de uma “guerra santa”, travada no plano espiritual e com consequências diretas aos seres humanos. Quanto mais próximo de Deus e do “propósito” que este tem para você, mais distante da interferência demoníaca. Se, de fato, a maior parte das religiões cristãs também trabalha com esta dualidade, verdade também é que os neopentecostais¹⁷ exacerbaram a disputa, como o mesmo Mariano destaca:

“Os neopentecostais creem que o que se passa no ‘mundo material’ decorre da guerra travada entre as forças divina e demoníaca no ‘mundo espiritual’. Guerra, porém, que não está circunscrita apenas a Deus/anjos X Diabo/demônios. Os seres humanos, conscientes disso ou não, participam ativamente de uma ou de outra frente de batalha. Voluntariamente engajados no lado divino, creem deter poder e autoridade, concedidos a eles por Deus, para, em nome de Cristo, reverter as obras do mal. Isto é, acreditam-se capazes de alterar realidades indesejáveis do ‘mundo material’ por meio de seu vínculo de fé com as forças divinas. Incumbidos por suas igrejas (que se dizem erguidas por Deus para combater o Diabo, atividade que veem como precondição para evangelizar lugares e indivíduos submetidos a Satã) de se engajar no ‘bom combate’, os neopentecostais passaram a enfrentar agressivamente o inimigo de Deus e da humanidade.” (Mariano 2014, p.113).

Ao final desta celebração dominical, outro ato chamou minha atenção: a reunião do grupo de mães. Organizadas na forma de um círculo em torno do altar, cerca de 30 mães fizeram, de mãos dadas, uma oração de aproximadamente 10 minutos em pedido às suas famílias, filhos e esposos. O discurso do “livramento” mais uma vez estava presente, tanto de forma direta, quanto de maneira indireta e ampliada, retomando o discurso da racionalidade aqui explicitado. Valla (2001) nos auxilia a interpretar tais ações, quando nos afirma que “a religião popular pode ser descrita como uma forma particular e espontânea de expressar os caminhos que as classes populares escolhem para enfrentar as dificuldades no cotidiano”. No caso aqui descrito, “aproximar-se de Deus e negar espaço

¹⁷ Vale ressaltar que a interpretação aqui adotada baseia-se na tradicional organização proposta por Freston (1993), onde “o pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de *três ondas* de implantação de igrejas. A primeira onda é a da década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911) (...) A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é *paulista*. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) (...) O contexto é fundamentalmente *carioca*”. (Freston 1993, p. 66).

ao Diabo” sustenta-se como um instrumento fundamental de enfrentamento das dificuldades cotidianas.

Todavia, foi o que ocorreu durante esta oração que merece destaque maior a este trabalho. No momento em que estava procurando Marcos, fui abordado novamente pelo obreiro Juan. Muito simpático e atencioso, Juan me perguntou se era a minha primeira vez no culto e logo me fez o convite para participar da FJU. Quando disse que já conhecia minimamente o grupo e que estava ali por intermédio de Marcos, o obreiro me puxou pelo braço para acharmos meu ex-aluno. Na procura do jovem, fui apresentado a Flávio, completando o que tinha definido como objetivo inicial para este primeiro dia de pesquisa neste templo da IURD. Flávio é obreiro, músico da igreja e, também, líder da FJU. Muito simpático e firme, me cumprimentou pela expressão “guerreiro” e, mesmo sem saber da minha intenção, fez questão de me convidar para conhecer o grupo e participar da reunião especial que haveria em instantes.

Após uma breve explicação da minha pesquisa, Flávio se mostrou muito receptivo e orgulhoso, de certa forma. Disse que seria um prazer contribuir com a dissertação e me informou sobre o evento organizado pela FJU do Rio de Janeiro que iria ocorrer na Quinta da Boa Vista alguns domingos à frente. Na reunião, ocorrida numa sala específica da FJU, onde as paredes estavam pintadas e representadas com fotos do próprio grupo, Flávio fez questão de me apresentar como uma “presença ilustre”, como um professor e pesquisador que estava ali para “conhecer melhor o grupo”.

Atento à reunião, vi Flávio iniciar sua fala com os avisos aos demais participantes - cerca de vinte jovens, entre adolescentes e adultos. Dentre os diversos avisos, destacaram-se as orientações sobre o encontro citado (“SDN – Saiba Dizer Não”¹⁸), a necessidade de ir identificado com o boné da FJU para a formação de uma “bandeira” durante o evento e, em especial, as orientações sobre a “ação social” que ocorreria no mesmo dia, a partir das 14:00 na “Rua das Casinhas”¹⁹. Além disso, no momento de oração liderado pelo obreiro, uma importante mensagem de ratificação da imagem do jovem da FJU foi apresentada. Segundo Flávio, “o membro do grupo precisa agir como

¹⁸ O “Saiba Dizer Não” é um evento organizado pela FJU Rio de Janeiro e se fundamenta num grande encontro entre os diversos grupos do estado na intenção de promover uma mensagem contrária à violência. A se realizar na Quinta da Boa Vista (Zona Norte da cidade), não foi possível promover uma clara descrição do evento, pois o mesmo está marcado para uma data posterior a de fechamento deste texto.

¹⁹ A expressão “Rua das Casinhas” é uma referência a uma das ruas do bairro onde se pode notar a presença de poucas casas geminadas, fruto de um programa habitacional da década de 1980. Nesta rua encontramos, também, o principal ponto de venda de drogas da “Caixa D’água”.

um espelho, orientar sua conduta para ser visto como um exemplo aos demais jovens, sobretudo aqueles que se encontram em atividades ilícitas”. A fala de Flávio mais uma vez se aproxima da interpretação de Valla (2001), uma vez que este entende que:

“(…) a religião popular desempenha vários papéis: criar uma identidade mais coesa entre os membros, ajudar a enfrentar as ameaças, ganhar novas energias na luta pela sobrevivência e reforçar uma resistência cultural que, por si só, reforça também a busca da religião como solução”. (Valla 2001, pp. 130-131).

Ao fim daquela reunião, uma última informação passada por Flávio também nos chamou a atenção. Trata-se da candidatura de uma membra do grupo ao Conselho Tutelar do município. O obreiro aproveitou a cheia reunião da FJU naquela manhã para anunciar a intenção da companheira e fez questão de destacar a importância da sua eleição, definida por ele como algo “escondido e pouco divulgado pelos responsáveis, para que continuem se mantendo no poder”. A candidatura de Cristiane revela uma nova dimensão da ação do grupo, agora organizado (ou com a intenção de se organizar) politicamente na questão da violência na região. As eleições para o cargo de conselheiro tutelar do município ocorrerão no mesmo dia do evento “Saiba Dizer Não” e a mesma comitiva que partirá num ônibus fretado pela igreja até a Quinta da Boa Vista já está ciente, segundo Flávio, da necessidade de parar antes num ponto de votação para “ajudar a eleger esta guerreira a lutar pelos jovens da comunidade”.

À tarde retornei à Vila Pauline para acompanhar pela primeira vez uma das diversas ações que a IURD Santa Marta promove. Neste domingo o objetivo era promover uma variedade de serviços à carente população do bairro. Concentrados em diversas tendas na citada “Rua das Casinhas” - bem próxima ao local onde o corpo de “Canjica” foi deixado - cerca de 40 membros da igreja, a sua maioria da FJU, promoveram serviços como: corte de cabelo, verificação da pressão arterial, orientação jurídica, doação de roupas e recreação infantil.

Apesar da aparente tranquilidade, era notória a tensão ali presente em virtude da fiscalização de alguns traficantes da comunidade. Relativamente distantes da rua fechada, cerca de 5 jovens acompanhavam permanentemente a ação promovida pela igreja nesse domingo de forte calor. Munidos de rádios transmissores, conversavam constantemente, mas em nenhum momento interromperam a atividade desenvolvida ali.

Ao final da ação social promovida pela igreja, que durou das 14 às 17 horas, foram sorteadas cestas básicas aos moradores que estavam presentes. Além disso, uma

oração aos pés de uma cruz de aproximadamente 3 metros de altura e direcionada aos que ali vivem encerrou o evento, considerado como um meio de integração entre a unidade da IURD e os demais moradores do bairro.

Retomando a discussão de Galdeano (2013), agora também via Das e Poole (2004), notamos o quanto tais ações, sejam elas discursivas, práticas ou políticas, correlacionam-se mimeticamente às práticas do Estado, refazendo-o através das margens, como as últimas autoras sugerem. Os exemplos da ação social realizada após o culto, bem como a candidatura de Cristiane ao Conselho Tutelar de Belford Roxo nos mostram como a Força Jovem Universal se vale de atribuições tradicionalmente esperadas pelo Estado para promover seu discurso de prevenção à violência, aqui entendido como um princípio estruturador do grupo. As relações e ações ali estabelecidas sugerem uma possível resposta à provocação de Landim (2010), uma vez que atuação coletiva deste grupo insere-se aqui como um exemplo “de mobilizações sociais, que atingem um dos pontos nevrálgicos das representações sobre a Baixada, a *violência*”.

Considerações Finais

Se a atuação coletiva de “matadores” locais - em sua maioria organizados a partir de grupos de policiais, bombeiros e militares em geral - ofereceu aos grupos de extermínio um longo período de controle territorial, moral e econômico, sua aparente perda de força frente aos traficantes (locais ou supralocais) torna o padrão de violência na Baixada Fluminense algo difícil de uma clara definição. A Chacina da Baixada, identificada aqui como um exemplo representativo da tradicional atuação e sensação de impunidade, dá lugar, sete anos depois, a outro evento extremo de violência, porém orientado por razões completamente distintas e ratificando a ideia de uma “sociabilidade violenta” (Machado, 2004) e periférica. O caso do menino “Canjica”, representado aqui com uma série de elementos pessoais e afetivos, propõem-se a esboçar um emergente capítulo neste mosaico da violência na Baixada Fluminense, agora ainda mais complexificado, descrito pelos moradores como um dos diversos resultados da implantação das Unidades de Polícia Pacificadora na capital do estado.

A caracterização da violência na Baixada assumiu aqui a função de elemento norteador da atuação do grupo Força Jovem Universal na região. Diferentemente da relação tradicional pobreza-neopentecostalismo, a linha de raciocínio aqui utilizada se

apoiar na experiência acumulada durante uma visita à IURD Santa Marta (mesmo local onde o jovem “Canjica” foi assassinado) e na observação de uma reunião do grupo FJU local.

A partir do que foi relatado, é possível destacar aqui uma tríplice caracterização das ações da FJU Santa Marta a partir da lógica da violência. A primeira por meio do discurso, ratificado tanto na “Corrente de Distinção” apresentada pelo pastor, como pela afirmação de uma identidade no discurso de Flávio, onde a conduta esperada pelo participante do grupo é sempre relacionada como um “exemplo de correção e boas práticas”.

Destacamos como uma segunda ação da Força Jovem Universal o caráter prático do seu modo de atuação como um possível instrumento de prevenção à violência. Os eventos, como o “Saiba Dizer Não”, bem como os projetos organizados pelo grupo, apresentaram em sua totalidade a proposta de seduzir os jovens da comunidade para a participação da rede ali estabelecida. Campeonatos, festas, ações sociais, evangelizações em bocas de fumo ou em espaços públicos em geral são somente alguns exemplos colhidos no campo desta orientação da ação prática a partir do cenário de violência local.

Por fim, destacamos como uma terceira forma de ação do grupo a incipiente participação política no que tange, mais uma vez, ao tema da violência. A candidatura de Cristiane e a mobilização da igreja em torna-la uma conselheira tutelar no município de Belford Roxo notabilizam-se aqui como mais uma dimensão de ação da Força Jovem Universal nesta temática, incorporando-se ainda mais ao propósito oficial do projeto a partir do complexo cenário de violência encontrado na Baixada Fluminense e, em especial, nesta que já foi considerada a cidade mais violenta do mundo.

Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IPLAN Rio/ Jorge Zahar Editor, 1987.

AGAMBEN, Giorgio. Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ALVES, José Cláudio Souza. Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense. Duque de Caxias: APPH: Clio, 2003.

_____. Violência e política na Baixada: o caso dos grupos de extermínio. In: Relatório da Impunidade na Baixada Fluminense. Rio de Janeiro, 2005.

BARRETO, Alessandra. Notícias de uma guerra: estratégias, ameaças e orações. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 27, p. 183-212, jan./jun. 2007.

BELOCH, Israel. Capa Preta e Lurdinha. Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada. Rio de Janeiro: Record, 1985.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. Anthropology in the Margins of the State. Santa Fé, Oxford: School of American Research Press. James Currey, 2004.

ENNE, Ana Lúcia. Lugar, meu amigo, é minha Baixada: memória, representações sociais e identidades. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment. Campinas, Tese de doutorado em sociologia, IFCH-Unicamp, 1993.

G1. Corpos dos seis jovens mortos em chacina são velados em Nilópolis. G1, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 2012.

GALDEANO, Ana Paula. Salmo 127, versículo I: ativismo religioso e ordenamentos da segurança em uma periferia de São Paulo. Trabalho apresentado no 37º Encontro Anual da ANPOCS. Águas de Lindóia, São Paulo, 2013.

GEIGER, Pedro Pinchas; MESQUITA, Miriam Gomes Coelho. Estudos Rurais da Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: IBGE, 1956.

I.D.A, entrevista concedida em 22/04/2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro, IBGE, 2012.

INSTITUTO DE SEGURANÇA PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO. Balanço das Incidências Criminais e Administrativas no Estado do Rio de Janeiro, anos base 2014, 2013 e 2012.

LANDIM, Leilah; GUARIENTO, Suellen. Violência e ação coletiva na Baixada Fluminense. Trabalho apresentado no 34º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, Minas Gerais, 2010.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio – “Sociabilidade Violenta: Por Uma Interpretação da Criminalidade Contemporânea no Brasil Urbano”. In: Luiz César de Queiroz Ribeiro (org.) Metrôpoles. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo e FASE, Rio de Janeiro, 2004.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MIAGUSKO, Edson. “Chatuba não é favela”: margens, representações sociais e UPP’s no Rio de Janeiro. 37º Encontro Anual da ANPOCS, Minas Gerais, 2013.

MISSE, Michel. A categoria “bandido” como identidade para o extermínio. Algumas notas sobre sujeição criminal a partir do caso do Rio de Janeiro. In BARREIRA, César; SÁ, Leonardo; AQUINO, Jânia Perla de (Orgs.) – Violência e Dilemas Civilizatórios: as práticas de punição e extermínio, Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MONTEIRO, Linderval Augusto. Andando pelo vale da sombra da morte: a trajetória política de Joca, primeiro prefeito de Belford Roxo. *Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas*, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 2, p. 55-71, jul.- dez., 2007.

O DIA. Chacina da Baixada completa 10 anos. O Dia, Rio de Janeiro, 29 de março de 2015.

SIMÕES, Manoel. Ricardo. A cidade estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense. Tese de Doutorado, UFF, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Niterói, 2007.

TORRES, Rogério e MENEZES, Newton. Sonegação Fome Saque. Duque de Caxias: Consórcio de Administração de Editores, 1987.

VALLA, Victor Vincent. O que a saúde tem a ver com a religião? In VALLA, Victor Vincent (Org) - *Religião e cultura popular*, Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2001.

WEBER, Max. A política como vocação. In GERTH, Hans Heinrich e WRIGHT MILLS, Charles (orgs.) *Max Weber – Ensaio de Sociologia*, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1967.